

GUIMARÃES, Edward Neves Monteiro de Barros. **Cristianismo e modernidade**: a crise do cristianismo pré-moderno e as pistas para sua configuração atual na obra de Torres Queiruga. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) ISI-FAJE Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte.

#### Resumo

Esta dissertação tem como objetivo demonstrar que a experiência cristã tem algo fundamental, definitivo e universal a dizer a todo ser humano acerca de Deus e do próprio homem. A experiência originária de Jesus de Nazaré é manancial inesgotável de força vital, dom de Deus para a humanidade. Segundo Torres Queiruga, as mudanças culturais da Modernidade colocaram em crise a configuração antiga do cristianismo. Daí a necessidade de profunda revisão e atualização na compreensão dos conceitos e da linguagem religiosa. Estuda-se a possibilidade, em atitude de fidelidade às fontes, de outra configuração capaz de revigorar e restaurar a vitalidade da experiência de Jesus de Nazaré.

No primeiro capítulo, procurou-se confirmar e demonstrar, através da análise da obra de Torres Queiruga, a autenticidade e a relevância da afirmação de que o advento do paradigma moderno, na Ilustração, colocou em crise os alicerces da cultura antiga e, conseqüentemente, a configuração do cristianismo pré-moderno. A virada antropocêntrica, com o emergir de nova consciência da autonomia das realidades e da radical historicidade evolutiva de todas as coisas, engendrou mentalidade secularizante que minou gravemente a vitalidade do modo como a experiência cristã se apresentava. Concluiu-se que a necessidade de nova expressão cultural não decorre da claudicação do cristianismo diante da superioridade da modernidade ou de mera estratégia de so-

---

Edward Neves M. B. Guimarães é mestre em Teologia Sistemática pela FAJE e leciona na PUC Minas.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte, área de concentração "Teologia Sistemática". Defendida e aprovada em junho de 2006. Orientador: Dr. João Batista Libanio.

brevivência da instituição eclesial no contexto atual. Trata-se, antes, do constante e necessário processo de inculturação da fé cristã. Explicitou-se o papel irrenunciável da reflexão teológica no processo de repensar a tradição no contexto atual.

No segundo capítulo, debruçou-se sobre as profundas implicações da crise na estruturação do cristianismo pré-moderno. Tratou-se dos graves limites e das incoerências internas que o novo paradigma fez “vir à luz” na autoconsciência cristã. Ele afetou a compreensão da relação de Deus com a criação em três pontos: problematizou a visão do seu agir no mundo; explicitou a fragilidade da resposta cristã ao problema do mal; e mostrou a incoerência da imagem de um Deus carente de serviço e louvor. A análise deu atenção especial à “oração de petição” como o lugar onde o conflito de paradigmas se tornou mais visível, pois, contradiz o núcleo da experiência cristã: não expressa a proximidade amorosa e gratuita de Deus captada em Jesus de Nazaré e obscurece a iniciativa absoluta do amor sempre em ato de Deus, ao enfatizar a ação da graça divina *a posteriori* ao pedido humano. Além disso, mostrou-se que a linguagem religiosa sofreu o embate da modernidade, especialmente, no referente à interpretação literalista e objetivista da Escritura, da Tradição e dos dogmas. A problematização revelou as ingenuidades e as deformações que tal compreensão favoreceu na experiência originária. A crítica “fez nascer” a consciência da necessidade de conhecer a especificidade da linguagem religiosa como condição de possibilidade para que ela se torne significativa e crível para o contexto cultural moderno. E finalmente verificou-se a necessidade e a urgência de outra configuração do cristianismo pré-moderno nos eixos estruturantes da experiência cristã, a saber, a salvação e a revelação.

No terceiro capítulo, apontou-se para pistas sobre a configuração atual do cristianismo. Mostrou-se que as posições teológicas de Torres Queiruga não rejeitam a tradição viva do cristianismo, mas certas leituras atuais da “herança da fé”. Defendeu-se “nova objetividade religiosa” que concilie fidelidade à tradição cristã e atualidade com a nova sensibilidade cultural. A reflexão apontou para pistas e ensaios de resposta aos problemas apresentados no capítulo anterior. Em seguida, voltou-se para a sistematização de “outra” compreensão dos pilares estruturantes da salvação e da revelação como forma de atualização da riqueza da tradição jesuânica. Do primeiro, percebeu-se que o amor salvífico de Deus deve ocupar o centro de qualquer configuração autêntica do cristianismo. É seu coração e sua “matriz hermenêutica”. É por amor que Deus nos salva e nos liberta para a práxis da justiça. Concluiu-se que na experiência cristã autêntica, graça e liberdade não se subtraem. Não há lógica

de dominação, mas de serviço e afirmação. Tudo o que é bom é graça divina, sem que isso signifique a supressão do esforço humano. O interesse maior e definitivo de Deus não é a submissão humana, mas a sua realização plena. Do segundo, constatou-se que o autor construiu inovadora compreensão do processo revelador. Da experiência da vontade divina da máxima revelação possível afirmou o Deus que está, desde sempre, continuamente, fazendo de tudo para revelar-se plenamente a humanidade de todos os tempos e lugares. Mas que esbarra na incapacidade constitutiva da finitude humana em captar e acolher, com transparência, a autocomunicação divina. No entanto, o “esforço supremo do amor salvador” de Deus conseguiu, sem forçar ou violar, pela pressão amorosa, fazer “vir à luz” na consciência humana a capacidade de perceber e acolher sua revelação. A compreensão do processo revelador, como “maiêutica histórica” e “esforço supremo do amor”, conseguiu integrar os dados fundamentais da tradição cristã, superar as dificuldades da mentalidade antiga e ampliar os horizontes do diálogo inter-religioso. O autor cunhou importantes conceitos para a reflexão teológica atual. Entre eles destacou-se a “inreligiosação”, o universalismo ou “pluralismo assimétrico”, o “teocentrismo jesuânico”, dentre outros.

No final, recolheram-se traços que apontam a direção do caminho a ser trilhado para configuração atual da experiência cristã. Um cristianismo liberto de todo particularismo favoritista, aberto ao diálogo com as outras tradições religiosas e com as demais buscas culturais, irmanados no objetivo maior: “uma humanidade mais humana, mais divina, mais unida em prol da paz”. Portanto, um cristianismo mais companheiro de cada homem e mulher, porque mais comprometido com o mundo e menos voltado para o “pequeno rebanho”.

Da “necessidade” de “outra” configuração experimentou-se, no final, o gosto e a beleza da “possibilidade”. Captaram-se traços característicos da autêntica identidade cristã. Primeiro, a interatividade. A configuração assumirá a dimensão dialógica e fraterna. Segundo, a recursividade. É imprescindível o movimento constante de “volta às fontes”, num dinamismo que a leva a ir cada vez mais longe, em outras possibilidades, nos caminhos da história. Terceiro, a inclusividade. Tenderá sempre à universalidade, num movimento de abertura e postura aprendiz. Se o que se captou é verdadeiro, significa que o caminhar do cristianismo será sempre prospectivo, aberto ao diálogo aprendente, na esperança de um futuro melhor para todos.